

## **Escolarização e Arquitetura Escolar em Feira de Santana: o governo de Agostinho Froes da Motta e os prédios escolares suntuosos-1912 a 1922**

**Rebeca Laise Santos Lima<sup>1</sup>; Ione Celeste Jesus de Sousa<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [rebecalaise@gmail.c](mailto:rebecalaise@gmail.c)
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [ionecjs@gmail.com](mailto:ionecjs@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura Escolar; Feira de Santana; Instituições escolares;.

### **INTRODUÇÃO**

Essa proposta de pesquisa tem por objetivo analisar a escolarização feirense através da arquitetura escolar da cidade de Feira de Santana no período de Intendência do Coronel Agostinho Froes da Motta, que foi um dos personagens mais ilustres da história da cidade. Durante o governo do Coronel Agostinho foram criadas e instaladas nos anos de 1916 e 1917, instituições escolares que na sua constituição, tanto no exterior quanto no interior, expressaram transformações na educação brasileira no início da República.

Inicialmente foi construído o prédio de um Grupo Escolar<sup>1</sup>, a escola Jose Joaquim Seabra, então presidente do estado, que começou a ser construído no governo anterior do Coronel Bernardino Silva Bahia, mas só foi entregue no governo do Coronel Agostinho no ano de 1916. Dois anos depois foram construídas as escolas João Florêncio<sup>2</sup> e a atual Escola Maria Quitéria, que continua funcionando como escola desde de sua fundação em 1917 e completando em 2017 os seus 100 anos de funcionamento, ambas em locais centrais da cidade como a rua dos remédios e avenida senhor dos passos.

Em dissertação sobre Agostinho Froes da Mota, Reis argumenta que a motivação do Coronel para criação dessas escolas é de cunho pessoal e não apenas político, supondo que seu engajamento na efetivação da instrução pública, tem origem no seu processo de instrução que se iniciou na infância e vê o letramento como um mecanismo de ascensão social, já que o Coronel Agostinho era oriundo das camadas menos abastadas e por ser um “homem de cor” encontrou dificuldades no seu processo

---

1

Hoje é o atual Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA).

2

Onde funciona atualmente o Arquivo Publico Municipal.

de instrução. Reis também cita outros motivos para criação das escolas, como o combate ao analfabetismo além dos motivos econômicos e estéticos pois as construções dos novos prédios escolares garantiam o embelezamento da cidade. O prédio da escola Maria Quitéria se localiza na mesma praça do palacete Froes da Motta residência do Coronel Agostinho que se tornou na época ponto de referência para os mais diversos eventos da cidade e sediou reuniões políticas. O palacete tem uma arquitetura requintada e serviu de instrumento para ostentar o poder, a imponência, o prestígio da sua família. Na pesquisa realizada por Oliveira específica sobre a escolarização empreendida pelo Coronel Agostinho ela descontrola o mito de que sua motivação vinha da sua origem humilde, Oliveira traz em suas pesquisas evidências dos interesses políticos e econômicos de Agostinho.

A construção desses palacetes educacionais suntuosos, que possuíam como característica uma arquitetura sofisticada se contrapondo as antigas escolas que funcionavam em casas onde os professores residiam e que se encontravam isoladas serviam para evidenciar o progresso de uma modernidade através da mudança na concepção e organização escolar segundo Faria Filho.

De acordo com Bencosta (2005), a construção de edifícios específicos para os grupos escolares foi uma preocupação das administrações dos estados que tinha no urbano o espaço privilegiado para a sua edificação, em especial nas capitais e cidades prósperas economicamente. Em regra geral, a localização dos edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime. Quanto à existência de Grupos Escolares no interior da Bahia, Rocha e Barros argumentaram que durante as suas pesquisas dos prédios construídos ou adaptados no período nenhum recebeu a denominação de “grupo escolar”, afirmando que o período dos “grupos escolares” na Bahia ocorreu na década de 1930.

O Interesse da pesquisa além de analisar o processo de escolarização é de acompanhar as mudanças na arquitetura escolar como expressões de novas ideias pedagógicas, especialmente as questões de higiene escolar marcada pelas ideias eugenistas do início do século XX e as concepções de metodologia do ensino. Faria Filho argumenta que os grupos escolares construídos em regiões centrais e estratégicas eram considerados palácios da modernidade, eram vistos como instrumentos de progresso e mudança. E as escolas isoladas por outro lado eram tidas como símbolo do

passado e da miséria, já que funcionavam em pardieiros, locais inadequados e sem o material pedagógico necessário.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Identificar nos livros de registro da burocracia Escolar – os ofícios e os relatórios – assim como nas fontes constituídas pelos periódicos feirenses, as marcas da arquitetura escolar feirense. A perspectiva é da História Cultural que toma as construções físicas como aspectos da Cultura Material e das representações dos sujeitos. Neste caso específico, a História Cultural utilizando o conceito de Cultura Escolar, como a construção de materiais e métodos de escolarização, entre estes os próprios prédios construídos a partir de noções de higiene escolar e métodos de ensino.

Na primeira bolsa de Iniciação Científica a qual fiz jus, que se encerrou em agosto de 2016, realizei um levantamento inicial da planta da escola Maria Quitéria, a única das três construídas na época da pesquisa que continua com a função escolar. Esta escola é constituída de salas de aula amplas com boa iluminação e boa ventilação, banheiro que fica escondido atendendo a um padrão da época pequeno e com teto baixo, passagem, diretoria, pátio interno e hall, sua fachada é rente a rua e um nível acima dela, com a função de resguarda o pátio interno que interliga as dependências do edifício, e é um prédio, portanto todo voltado para o seu interior, despertando admiração daquele que contempla ao mesmo tempo em que oculta o seu interior. A sua localização também é estratégica e central se situando na praça Froes da Motta, mesmo local onde se encontra o palacete Froes da Motta residência do Coronel Agostinho Froes da Motta.

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O projeto de título “Escarlarização e Arquitetura escolar em Feira de Santana: O governo de Agostinho Fróes da Motta e os prédios escolares suntuosos de 1912 a 1922” permitiu sistematizar, em consonância com o restante do país, que os primeiros prédios escolares de Feira de Santana ocuparam espaços de destaque no cenário urbano por estarem localizados em pontos estratégicos. Foram analisados os Jornais Folha do Norte que trouxeram notícias sobre a intendencia do Cornel Agostinho durante o período de 1912 a 1922. A escola Maria Quitéria realizou um evento no mês de novembro de 2016 em comemoração ao dia da consciência negra, onde eu participei e a minha orientadora paletrou sobre a história da escola que completou 100 anos em janeiro de 2017. Devido aos 100 anos da escola surgiu na pesquisa o interesse de resgatar fontes por parte dos sujeitos que fizeram parte da escola, conheço algumas alunas e consegui fotos de uma das alunas com seus dois irmãos que frequentavam o grupo escolar João Florencio.

Nesse ano haver[á a comemora]ção dos 100 anos da escola Maria Quit[éria onde ser[á realizado uma série de atividades na qual irei contribuir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A pesquisa permite argumentar que no período investigado a escolarização e arquitetura escolar caminharam de mãos dadas no pretendido progresso –do cenário urbano de Feira de Santantana.

## **REFERÊNCIAS**

1. BENCOSTA, Marcus Levy. *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar*. SP: Cortez; 2005.
2. BENCOSTA, M. L. A. A noção da cultura material escolar em debate no campo da investigação da História da Educação. In: César Augusto Castro e Samuel Luis Velásquez Castellanos. (Org.). *A Escola e seus artefatos culturais*. 1 ed. São Luiz: EDUFMA, 2013, v.1, p. 21-34.
3. BENCOSTA, M. L. A. “Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primaria”. In: STEPHANOU, M e BASTOS, M.HC. (orgs.) *História e memórias da educação no Brasil*. Vol. III. PETROPOLIS: Editora Vozes, 2005.
4. CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*.
5. CRUZ, Antônio Roberto Seixas da. *Mestres e mestras para o Sertão: criação e funcionamento da de Feira de Santana*. FSA: Sitientibus, no 31, jul./ dez 2004. Pp143-168.
6. FARIA FILHO, L. M. de. *Dos pardieiros aos palácios. Cultura Escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2000.
7. MARQUES, V.R.B. *A medicação da raça: médicos, educadores, e discurso eugênico*. Campinas. Editora da UNICAMP, 1994.
8. REIS. W.A. *AGOSTINHO FRÓES DA MOTTA: TRAJETÓRIAS E CONQUISTAS DE UM “HOMEM DE COR” EM FEIRA DE SANTANA (1856-1922)*.
12. OLIVEIRA, Sandra Nívia Soares de. *Um modelar estabelecimento de ensino: o Colégio Santanópolis na cidade de Feira de Santana. (1934-1959)*. Tese de Doutorado em Educação. FAGED/UFBA. Orientação Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sara Martha DICK. 03 de fevereiro de 2014.
14. SOUSA, Ione & CRUZ, Antônio Roberto (orgs). *Escolas Normais da Bahia: olhares e abordagens*. Feira de Santana: UEFS Editora; 2013.

15. SOUSA, Ione. *Garotas tricolores, Deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana*. SP: EDUC/PUC. 2002.